



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

NA RUA, COM DEPRESSÃO

Francisco Gil Messias

Procurador Federal - AGU

As surpresas da vida. Recentemente vivi uma situação que me balançou. Nada de extraordinário, na verdade. Mas a minha experiência com o assunto conferiu ao acontecimento uma dimensão maior do que seria de esperar. Isto comprova a relatividade de muita coisa na vida e de como somos, individualmente falando, a medida de quase tudo. Mas vamos aos fatos.

Estava saindo de um restaurante, por volta das duas da tarde, quando se aproximou um flanelinha e me pediu um trocado. Era um homem em torno dos quarenta anos. Expressão facial simpática, o que me predisps logo a uma maior generosidade pecuniária, pois sou daqueles que se deixam conquistar facilmente pela simpatia (que fazer?). Dei, portanto, ao homem uma quantia um pouco superior à usual, observando que ele ficou surpreso e satisfeito. Até aí, tudo normal. Já ia entrar no carro quando ele fez questão de dizer: “Muito obrigado, doutor. Este dinheirinho vai me ajudar a comprar meus remédios. Eu sofro de depressão”. Veja só. Quem diria, um flanelinha melancólico ...

Não pense o leitor que sou ingênuo ao ponto de não ter desconfiado um pouco daquela conversa. Há tanta malandragem no mundo, que é norma desconfiar-se de tudo e de todos. Infelizmente, as coisas são assim, não há o que fazer. Foi então que lhe disse que fazia bem em sair de casa para trabalhar, pois isso servia como uma distração, uma terapia. Santa ingenuidade a minha, dessa vez. Ele me disse: “Doutor, eu não tenho casa, moro na rua”.

Imagine o leitor o meu choque ao ouvir aquela inesperada confissão de indignância. Poderá alguém menos emotivo dizer que era tudo mentira daquele espertalhão, que ele devia contar a mesma história para vários incautos durante o dia, que não havia depressão nem

miséria, que era tudo um golpe em cima de minha boa-fé. Que fosse. Só que para mim não foi. Tomei como verdade cada palavra daquele homem e com essa verdade me compadecei.

Quem já teve depressão sabe de que se trata; quem nunca teve, não é capaz nem de imaginar o que é. O poeta Drummond escreveu que a dor é incomunicável – e é mesmo. Pois com a depressão é assim também: só quem já passou por ela pode falar a respeito, pode compreender quem sofre desse mal. Por volta de meus cinquenta anos, passei dois longos anos sob o jugo do “cão negro”. Era assim que Winston Churchill chamava a melancolia, ele que viveu sempre com esse bicho à porta. Por isso eu pude avaliar o sofrimento do flanelinha, com toda a autoridade de ex-sócio da confraria. A do “cão negro”.

Quem é vítima da depressão só quer uma coisa na vida: ficar deitado em paz, no escuro de um quarto, sem ninguém para incomodar, mesmo que seja com gentilezas. O deprimido só quer ficar sozinho, em silêncio, sem ser solicitado para nada. Ele, se pudesse simplesmente morrer no seu canto, morria. Ele não tem ânimo para nada, não deseja nada, não consegue fazer nada. Ele é praticamente um morto-vivo, mais morto que vivo, na verdade. Agora imagine o leitor alguém nessa situação sem ter onde morar, sem ter ninguém para minimamente cuidar de si, sem ter literalmente onde cair morto.

Costumo dizer que depressão é doença de rico ou para rico, permita-me o leitor essa heresia de leigo. O trabalhador que precisa sair de casa todo dia para ganhar o pão, não pode se dar ao luxo de ficar deprimido. E, se ficar, vai ter que encontrar forças extraordinárias para não sucumbir, pois a fome é mais imperativa que a tristeza. E só quem já hospedou o “cão negro” sabe que é assim. Depressão, sabemos, é doença de tratamento longo; nenhum empregador tolerará um empregado que precise ficar meses de licença para se tratar. É demissão na certa, mais cedo ou mais tarde. E essa cruel perspectiva, para o trabalhador, que não é um tolo, só pode piorar o quadro depressivo, criando, portanto, um círculo vicioso infernal.

Melancolia é o nome poético da depressão, pelo menos daquela mais leve, confundida geralmente com uma tristeza “leve e difusa”. Os antigos tinham-na como um humor ao qual chamavam de “bílis negra”. Há temperamentos naturalmente melancólicos que não chegam a ser depressivos. Todavia, na linguagem médico-psiquiátrica, a depressão significa “um desarranjo patológico do humor, caracterizado por uma tristeza extrema, não raro mesclada de ansiedade, autodepreciação, lentidão psicomotora e ideias suicidas”. É a perda total (ou quase) da libido, de todos os desejos, da pulsão de vida, a radical substituição de Eros por Tanatos, para usar um vocabulário psicanalítico. O filósofo francês André Comte-Sponville distingue a depressão da infelicidade. Esta, é para ser combatida; a outra, para ser tratada. Segundo ele, no

seu tratamento, impõe-se ao médico o dever de compaixão para com o doente. “Que esta não pode substituir o diagnóstico, nem é preciso dizer. Mas como um diagnóstico poderia dispensá-la?”. Aqui, permito-me ir mais além do que o filósofo, para afirmar que a compaixão, no sentido mais solidário da palavra, é um dever de todo discípulo de Hipócrates relativamente a todos os pacientes, seja a doença leve ou grave. A compaixão, sabemos, pode não curar, mas conforta. E muitas vezes esse conforto é tudo o que o médico pode oferecer ao doente. “Compaixão médica” bem poderia ser o nome de uma disciplina dos currículos acadêmicos.

Tudo isso refleti sobre o flanelinha melancólico, independentemente de ser ele autêntico ou não. Na noite daquele dia em que fui por ele abordado, não pude deixar de concluir, talvez com algum exagero, mas pleno de convicção compassiva: Hoje conheci um herói. Sim, um herói anônimo e sem-teto. Na rua, com depressão.